

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

LUCIANA CHRISTINA ACIOLY DE MELO

**HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS E DESEMPENHO ACADÊMICO EM  
CRIANÇAS DO CREI ANTONIETA ARANHA DE MACÊDO**

JOÃO PESSOA – PB  
2013

LUCIANA CHRISTINA ACIOLY DE MELO

**HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS E DESEMPENHO ACADÊMICO EM  
CRIANÇAS DO CREI ANTONIETA ARANHA DE MACÊDO**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao  
Centro de Educação da Universidade Federal  
da Paraíba como parte dos requisitos para a  
obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora:  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Sevilla Gonçalves dos  
Santos.

JOÃO PESSOA - PB  
SETEMBRO – 2013

Fonte de catalogação  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

MELO, Luciana Christina Acioly.

Habilidades Sociais Educativas e desempenho acadêmico em crianças do CREI  
Antonieta Aranha de Macêdo/ Luciana Christina Acioly de Melo. - João Pessoa,  
2013. 30p.

30p.

Orientadora: Carmen Sevilla Gonçalves dos Santos.

Habilidades Sociais. Habilidades Sociais Educativas. Desempenho  
acadêmico.

Monografia (graduação) – UFPB / CE

**HABILIDADES SOCIAIS EDUCATIVAS E DESEMPENHO ACADÊMICO EM  
CRIANÇAS DO CREI - ANTONIETA ARANHA DE MACÊDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em \_\_\_ de setembro de 2013.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Fernando César Bezerra de Andrade (CE/ UFPB)

(Examinador)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Sandra Alves da Silva Santiago (CE/UFPB)

(Examinadora)

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Carmen Sevilla Gonçalves dos Santos (CE/UFPB)

(Orientadora)

*A meus pais, Francisco de Assis Cavalcanti Acioly e Celia Maria Cavalcanti Acioly, que com muito esforço e carinho me ajudaram a alcançar esse sonho.*

*Ao meu esposo, Fábio Gerard Souza de Melo e a minha filha, Maria Clara Acioly de Melo, pela cumplicidade e apoio incondicional.*

*Aos meus professores Carmen Sevilla G. dos Santos e Fernando C. B. de Andrade pela referência de serem profissionais comprometidos com suas escolhas, fazendo assim, com que eu pudesse chegar ao final do curso sabendo que vale a pena investir em alguém.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pois sem Ele nada poderia fazer, a propósito, eu nem existiria, pois antes dos três meses de gravidez minha mãe descobriu que estava com rubéola. Procurando um médico ele lhe disse que ela deveria abortar, porque possivelmente nasceria um bebê com seqüelas. Porém, o Autor da vida, quis que eu estivesse aqui.

Aos irmãos em Cristo, pessoas dirigidas pelo Espírito Santo para serem meus incentivadores de fé e esperança.

Aos meus amigos, que torceram e que ainda torcem pelo meu sucesso profissional e pessoal.

Ao meu grupo de estudo, Ana Paula Cavalcante, Daniele Domingues e Dennis Costa, que no ano de 2011 mesmo sem saber, com sua alegria me ajudaram a sair de uma possível depressão.

À Professora Sandra Alves da Silva Santiago, pela sensibilidade em estar junto aos menos favorecidos, lutando para que seus direitos sejam garantidos e assim, fazendo com que suas alunas também abracem a causa, sendo eu uma delas.

*Há três modos gerais para conduzir as relações interpessoais. O primeiro é considerar a si mesmo, desconsiderando os outros... O segundo é sempre colocar os outros antes de você... O terceiro é a regra de ouro... considerar a si mesmo e também os outros*

Joseph Wolpe

## RESUMO

Este trabalho foi realizado para inserir professoras nas Habilidades Sociais Educativas (HSE), uma das classes das Habilidades Sociais, porque se entende, nesta perspectiva, que ao ser docente faz-se necessário o uso de habilidades não apenas de cunho instrumental, mas também interpessoal para que se possa ter bom êxito em nosso labor cotidiano. Esta inserção ocorreu com as professoras do Centro de Referência da Educação Infantil (CREI) Antonieta Aranha de Macêdo. Partiu-se do pressuposto, com base em trabalho efetivado um ano antes, de que as professoras não compreendiam a influência que exerciam sobre seus alunos, assim, levantou-se o seguinte questionamento: qual a relação entre as HSE de uma professora e o desenvolvimento acadêmico de seus alunos no referido CREI? Para responder a esta questão, realizou-se uma intervenção pedagógica utilizando-se o método de vivência dentro de uma Sequência Didática, apropriada para aquisição e desenvolvimento de HSE. Nesta vivência, por sua vez, apresentou-se para elas o conceito de Habilidades Sociais, ao mesmo tempo em que foi enfatizada a classe das Habilidades Sociais Educativas. Propusemos estratégias para que ao término do treinamento elas continuassem a exercer suas HSE, contribuindo, assim, tanto para seu desempenho profissional, quanto para o desenvolvimento acadêmico dos seus alunos.

**Palavras-Chaves:** Habilidades Sociais. Habilidades Sociais Educativas. Desempenho acadêmico.



## **ABSTRACT**

This work was performed to insert teachers in the Educational Social Skills(HSE), one of the classes of Social Skills, as it's understood in this perspective that to be an educator it is necessary not only the usage of instrumental skills, but also interpersonal skills peculiar to our everyday labor. The insertion happened with teachers from the Centro de Referência da Educação Infantil (CREI) Antonieta Aranha de Macêdo. The starting presupposition, based on work done a year before, was that the teachers did not understand their influence over their students and thus this question was raised: how can the HSE of a teacher interfere with the academic development of their students? To answer the question a pedagogic intervention through the experience method in a Didatic Sequence appropriate for the acquisition and development of HSE was performed. In that experience the concept of Social Skills was introduced to them, also focusing on the classes of the presented skills. Strategies for them to keep using their HSE after the end of the training were proposed, thus contributing to their professional performance and academic development of the students as well.

**Keywords:** Social Skills. Educational Social Skills. Academic performance.

# SUMÁRIO

<b>I INTRODUÇÃO</b>	11
<b>II FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	14
<b>2.1 Compreendendo as Habilidades Sociais</b>	14
<b>2.2 Habilidades Sociais Educativas</b>	17
<b>2.3 A Educação Infantil</b>	19
<b>2.4 O professor na Educação Infantil</b>	20
<b>2.5 A relação entre o déficit de Habilidades Sociais Educativas e o</b>	
<b>Desempenho Acadêmico da criança</b>	21
<b>III PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b>	24
<b>3.1 Tipo de trabalho</b>	24
<b>3.2 Instrumentos da Intervenção Pedagógica</b>	24
<b>3.3 Participantes da Intervenção Pedagógica</b>	24
<b>3.4 Apresentação da Intervenção Pedagógica</b>	24
<u>Sequência Didática: enfoque Habilidades Sociais Educativas</u>	25
<i>Objetivos</i>	25
<i>Materiais</i>	25
<i>Vivência</i>	25
<i>Roteiro</i>	25
<i>Descrição da Sequencia Didática (e identificação do repertório em HSE das</i>	25
<i>professoras)</i>	
<b>3.5 Análise dos resultados (ou do repertório em HSE apresentado pelas</b>	27
<b>professoras)</b>	
<b>IV CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	29
<b>V REFERÊNCIAS</b>	30

## I INTRODUÇÃO

Estamos inseridos em uma sociedade cujos padrões éticos e morais estão cada vez mais se distanciando dos necessários para uma vida pacífica e produtiva, e como se entende que a escola tem um papel fundamental na constituição do indivíduo, pois a criança desde muito cedo é encaminhada para lá, aprendendo e sendo orientada sobre os mais variados conteúdos, consideram-se de relevância máxima os investimentos nas interações que nela ocorrem. É neste cenário que também se encontra o professor, obviamente, sendo um personagem fundamental para que os conteúdos conceituais, atitudinais e procedimentais sejam aprendidos e desenvolvidos (VALLS, 1996; ZABALA, 1998).

Este trabalho destinou-se a professoras da primeira fase do desenvolvimento da criança, isto é, de dois a cinco anos. Nessa fase, a professora precisa ter uma compreensão sobre as limitações acadêmicas de cada idade.

Professores e alunos não sabem bem o que estão fazendo, nem por que o fazem. A escola brasileira virou manchete na mídia, pois onde deveria estar a educação, está a violência. As Habilidades Sociais (HS) são uma alternativa passível para se trilhar um caminho de mudança do atual quadro de devastação nas interações dentro das escolas. Assim, apresentar-se-á uma discussão sobre as HS, mostrando um recorte, as Habilidades Sociais Educativas (HSE), para exemplificar o que pode ser desenvolvido no desempenho das professoras.

A tese de Carmem Izaura Molina Corrêa justifica que um Treinamento em Habilidades Sociais (THS) seja realizado num contexto escolar visto que:

a escola apresenta contingências que mantêm ou acentuam comportamentos indesejáveis, como a agressividade e a esquiva, o que requer do professor um conjunto de habilidades sociais para conduzir interações educativas saudáveis com e entre alunos, para além da modelagem e da modelação de comportamentos de esquiva, como a mentira e ausência prolongada da sala de aula, ou de indisciplina, como quebra de regra, comportamentos opositivos e desafiantes (2008. p. 40).

Mas o que são Habilidades Sociais? Segundo Del Prette e Del Prette, as HS aplicam-se: “às diferentes classes de comportamentos sociais do repertório de um indivíduo, que contribuem para a competência social, favorecendo um relacionamento saudável e produtivo

com as demais pessoas” (200, p.31). Isso quer dizer que temos a possibilidade de conhecer nossas emoções, nomeá-las e, a partir desse autoconhecimento emocional, desenvolver uma relação com a liberdade de falar “não” e/ou “sim”, sem agredirmos o nosso semelhante.

As crianças a partir dos dois anos começam a expressar suas emoções oralmente, assim o seu nível de expressividade emocional depende muito do nível correspondente que os pais ou cuidadores apresentam, e também da exposição a diferentes emoções a que elas são submetidas (SALA; GOÑI, 2000). A nomenclatura de cuidadoras é aqui usada tendo em vista que as professoras do CREI são assim denominadas, uma vez que se responsabilizam pelo trabalho de ensino e também cuidado geral com as crianças. Outra nomeação é a de monitoras e, por último, professoras. Essas docentes passam o dia inteiro com as crianças, alimentando-as, trocando suas fraldas, banhando-as, colocando-as para dormir, dentre outras atividades que a função exige. Por isso, essas professoras desenvolvem uma relação muito próxima com as crianças, pois de certo modo, fazem as tarefas que seriam destinadas à família.

Em um contexto escolar como o CREI Antonieta Aranha de Macêdo, professoras precisam de um aprofundamento maior sobre como funciona a interação entre estas crianças para, a partir desse conhecimento, efetuar a intervenção correta. Dizemos isso, pois é de saber tácito que a professora da educação infantil, que contempla justamente a primeira infância, tenha um mínimo de formação, sendo a mais adequada a de uma pedagoga, todavia, não é o que a realidade revela. A licenciatura em Pedagogia proporciona um saber diferenciado de qualquer outra licenciatura (por exemplo, um adulto não deve usar os mesmos termos quando reclama com uma criança de três anos e um adolescente de 14 anos). Muitas vezes, contudo, encontra-se exatamente essa cena, professores punindo seus alunos simplesmente porque estão chorando e não se sabe qual intervenção fazer (SANTOS, ANDRADE, MELO, PONTES, 2011)

Por isso, a necessidade de desenvolver as HSE com essas professoras. As HSE são aquelas “aplicadas intencionalmente voltadas para a promoção do desenvolvimento e da aprendizagem do outro, em situação formal e informal de ensino” (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2001, p.95).

Como estamos tratando com a educação escolar, nada melhor que investigar a relevância desse tema para a realidade das nossas salas de aula. Crianças convivem diariamente e em tempo integral com as professoras, depreende-se que elas reproduzem os tipos de comportamentos observados. Portanto, o professor, como mediador dos ensinamentos construídos na sala, deve preparar-se para enfrentar situações de conflitos e saber lidar com elas, pois ele na sala de aula funciona como espelho para seus alunos, daí a importância de uma

intervenção voltada para a preparação das professoras nesse viés que opera como forma de prevenção de conflitos interpessoais. Pesquisas indicam que esses profissionais podem tornar-se importantes mediadores para o desenvolvimento das crianças, especificamente no que se refere às diferentes habilidades sociais que podem ser aprendidas no contexto escolar (SANTOS, 2011). Um docente que conhece seus objetivos e que está ali porque quer e não por falta de opção, é um propenso modelo a ser seguido.

A socialização, por exemplo, é uma das tarefas difíceis de aprender dentro desse espaço, e principalmente na idade de dois a cinco anos. Ela determina uma compreensão gradual dos valores e normas que regulam o funcionamento da vida em sociedade. Assim, como dizer a uma criança desse nível de desenvolvimento, que apenas imita, para ela respeitar o outro colega se o professor, como exemplo, não o faz? Como dizer para criança não gritar se ele vive gritando? Como demonstrar para ela o seu entusiasmo, se não é como se sente? Como estabelecer regras de convivência na sala de aula se na vida acadêmica do professor não há regras a serem seguidas?

Nessa perspectiva, constata-se a relevância social desse trabalho, pois leva aos docentes à autopercepção dentro da sala de aula como um dos maiores contribuintes para o desenvolvimento acadêmico do aluno.

Para focalizar as dimensões do presente trabalho, participaram diretamente do estudo cinco professoras do CREI Antonieta Aranha de Macêdo, situado no Bessa, um bairro da cidade de João Pessoa. As professoras treinadas estavam com as turmas de três anos, quatro anos e cinco anos. As subclasses das Habilidades Sociais Educativas (HSE) propostas para a análise foram: Elogiar (EI), Monitorar Positivamente (MP), Autoavaliação (AA), Estabelecer Regras (ER), Organizar o Ambiente Físico (OAF), Fazer Perguntas (FP) e Fornecer *Feedback* (positivo e negativo) (FF). Como objetivos a alcançar, tivemos:

#### Geral

- Descrever a relação entre as Habilidades Sociais Educativas de cinco docentes e o desempenho acadêmico de suas respectivas crianças no CREI Antonieta Aranha de Macêdo (este último observado em trabalho realizado em 2011).

#### Específicos

- Ministrando uma Sequência Didática utilizando o método de vivência envolvendo as Habilidades Sociais Educativas com professoras do CREI Antonieta Aranha de Macêdo;

- Identificar o repertório de Habilidades Sociais Educativas das professoras do CREI.
- Analisar o repertório de Habilidades Sociais Educativas apresentado pelas professoras do CREI;

## **II FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 Compreendendo as Habilidades Sociais**

Pessoas menos familiarizadas com a área das habilidades sociais tendem a representá-la em um sentido normativo de “boa educação” ou de cumprimento dos ritos próprios da convivência social, associando-a exclusivamente a termos como traquejo social, etiqueta, civilidade e fineza. O uso coloquial de termos como “socialmente habilidoso”, “jeitoso” ou “sociável” induz, eventualmente, a uma compreensão parcial e equivocada dessa área que se constitui um campo de conhecimento e aplicação.

Antes de explicarmos o que são esse campo do conhecimento e qual a sua relevância para a vida integral do indivíduo, faremos um panorama dos conceitos correlacionados com as HS para que tenhamos uma compreensão maior do conteúdo.

É importante saber que as Habilidades Sociais são comportamentos e por isso podem ser mudados. Não é algo que o indivíduo já nasce trazendo consigo, também não é um dom recebido pelos mais nobres. Por isso, falamos em treinamento, simplesmente porque as pessoas podem ser treinadas a serem hábeis socialmente.

Assim, um dos nomes mais conhecidos na área, Zilda A. P. Del Prette, psicóloga com formação inicial em análise do comportamento e em terapia comportamental, teve já no final de sua graduação o interesse específico pelo assunto, a partir de uma experiência muito rica de participação em um grupo de treinamento assertivo, no último ano do curso. Pela própria experiência, ela descobriu o quanto a Psicologia tinha a oferecer nessa área, o quanto a assertividade fazia diferença na qualidade de vida.

Um dos primeiros conceitos que merece destaque é o de Desempenho Social. Este é um constructo amplo que inclui “tanto os comportamentos que favorecem como os que interferem na qualidade dos relacionamentos” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005, p.31). Trata-se dos comportamentos apresentados numa interação social ou, em outras palavras, do modo como o repertório em habilidades sociais é demonstrado.

Paralelamente ao conceito de Desempenho Social, temos o de Competência Social, que diz respeito à

capacidade de articular pensamentos, sentimentos e ações em função de objetivos pessoais e de demandas da situação e da cultura, gerando consequências positivas para o indivíduo e para a sua relação com as demais pessoas (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2005, p.31).

Finalmente, chegamos à definição das Habilidades Sociais, que segundo Del Prette e Del Prette (2005, p.31), geralmente utilizado no plural, “aplica-se às diferentes classes de comportamentos sociais do repertório de um indivíduo, que contribuem para a competência social, favorecendo um relacionamento saudável e produtivo com as demais pessoas”.

Caballo (2006, p.6) também escreve sobre as habilidades sociais e estabelece como

(...) o comportamento socialmente competente ou habilidoso é um conjunto de comportamentos emitidos por um indivíduo em um contexto interpessoal que expressa seus sentimentos, atitudes, desejos, opiniões ou direitos, de um modo adequado à situação, respeitando esses comportamentos nos demais, e que geralmente soluciona os problemas imediatos da situação e diminui a probabilidade de futuros problemas.

É importante ressaltar que a cultura, com suas normas e valores, influencia os relacionamentos quando define os padrões de comportamento valorizados ou reprovados para os diferentes tipos de situações, contextos e interlocutores, ou seja, um comportamento pode ser inadequado para uma cultura e em outra pode ser algo totalmente aceitável.

As Habilidades Sociais, enfatizando mais uma vez, podem ser treinadas, então, uma criança, por exemplo, precisa aprender os desempenhos socialmente esperados e valorizados por uma determinada cultura, além de depender também do sexo, idade e papéis que assumem (filho, aluno, irmão, colega, etc).

A importância de avaliar o repertório de Habilidades Sociais de um indivíduo se justifica pela sua relação com a saúde, a satisfação pessoal, a realização profissional e a qualidade de vida. Imagine uma pessoa insatisfeita no seu ambiente de trabalho, que dano pode causar a outros a sua volta? Portanto, o autoconhecimento é a competência mais importante para se desenvolver o relacionamento interpessoal. Quando uma pessoa começa a

conhecer seus pensamentos e sentimentos um novo universo se abre, o que proporciona ao indivíduo uma compreensão do mundo ao seu redor, pois nosso estado interno reflete diretamente em nosso mundo externo.

Um repertório pobre em Habilidades Sociais pode levar a pessoa a possuir um círculo de amigos muito restrito, quase inexistente. Em meio a esse quadro, pessoas podem desenvolver uma infinidade de problemas. Alguns dos principais são: a depressão, a esquizofrenia, a drogadição e a ansiedade social. Por isso, também a importância de treinar as HS em crianças, já que esta aquisição pode fazer toda a diferença na sua vida. Uma criança socialmente habilidosa torna-se um adolescente, depois um jovem e mais tarde um adulto também socialmente habilidoso, que sabe entender seus conflitos e resolvê-los com maturidade, fazendo assim escolhas relevantes para seu futuro.

Apresenta-se, abaixo, um Quadro Síntese, com os principais padrões gerados por tais características comportamentais:

<b>COMPORTAMENTO ASSERTIVO</b>	<b>COMPORTAMENTO NÃO ASSERTIVO</b>	<b>COMPORTAMENTO AGRESSIVO</b>
Emocionalmente honesto na expressão de sentimentos negativos.	Emocionalmente inibido na expressão de sentimentos negativos.	Emocionalmente honesto na expressão de sentimentos negativos.
Consegue discordar do grupo.	Quase sempre concorda com o grupo.	Consegue discordar do grupo.
Defende os próprios direitos, respeitando os direitos alheios.	Não defende os próprios direitos, mas rejeita os direitos alheios.	Defende os próprios direitos, geralmente desrespeitando os direitos alheios.
Valoriza-se sem ferir o outro.	Desvaloriza-se	Valoriza-se, ferindo o outro.
Usa geralmente expressões afirmativas (sim, não, quero, vamos resolver), incluindo o pronome EU ou Nós.	Usa geralmente expressões dúbias (talvez, acho que, quem sabe), raramente incluindo o pronome EU.	Usa expressões imperativas (faça assim, você não deve, eu quero assim), incluindo o pronome EU.

Quadro Síntese (Del Prette; Del Prette, 2001)



Portanto, este quadro serve como uma amostra para que tenhamos a oportunidade de conhecer e identificar como o indivíduo se comporta, e então treiná-lo atendendo suas necessidades.

Importante destacar que todos nós apresentamos características dos três padrões, a depender da situação social que nos encontramos, todavia, há um padrão predominante. Por exemplo, mesmo uma pessoa com padrão comportamental assertivo pode, em sua casa, apresentar comportamentos agressivos, tendo em vista que a intimidade construída nessa situação a fortalece na emissão de tais comportamentos.

## **2.2 Habilidades Sociais Educativas**

O conceito de HSE foi tratado pela primeira vez na literatura brasileira em 2001 por Del Prette e Del Prette. São definidas pelos autores como aquelas cuja intenção é desenvolver a aprendizagem do interlocutor numa situação educativa formal ou informal.

O caráter intencional é o que distingue tais habilidades, pois o agente educacional possui um objetivo definido e não age por tentativa e erro. Esses objetivos prevêm uma continuidade no tempo dos comportamentos que estão sendo controlados ou ensinados por meio da emissão dessas habilidades. Dessa forma, como afirmam Del Prette e Del Prette (2008), não basta o professor emitir determinados comportamentos para ele ser considerado competente, é preciso levar em consideração o aspecto funcional da definição de HSE, pois as habilidades sociais só poderão ser chamadas de educativas de acordo com os efeitos produzidos ou da probabilidade de geração de mudança no repertório dos alunos.

Partindo desse pressuposto, entendemos como um bom repertório das habilidades sociais docentes é importante e faz diferença no processo ensino aprendizagem dentro da sala de aula. Assim também compreendemos o papel do professor nessas habilidades. O agente educador precisa atingir seus objetivos, logo, precisa criar estratégias para alcançar seus alunos. Por exemplo, o professor que pretende fazer com que o aluno com baixo desempenho acadêmico participe mais das aulas, poderá fazer mais perguntas de sondagem ou desafio, dará mais dicas, fornecerá *feedbacks* positivos sobre os comportamentos adequados desse aluno, arranjará o ambiente de forma que fique mais fácil para esse aluno participar, fornecerá materiais diversificados entre outros comportamentos. No entanto o professor que não tiver as HSE não compreenderá esse déficit nem em si nem no comportamento do aluno, então

produzirá um comportamento inadequado, como por exemplo, deixar o aluno de lado, dizendo que ele não tem capacidade de aprender.

Um repertório elaborado de HSE, segundo Del Prette e Del Prette (2001), permite que, o docente utilize estratégias pedagógicas que facilitem a interação entre o educando e ele, realize atividades que identifiquem a expressão de emoções e modelos adequados de comportamentos sociais, além de ter a oportunidade de valorizar comportamentos mais adaptativos dos alunos como, tomar iniciativa, cooperar com colegas, dar *feedback*, lutar pelos próprios direitos, expressar sentimentos, negar pedidos, ter empatia entre outros.

No entanto, muitas vezes o professor até possui em seu repertório tais habilidades, mas não as emite por diversas razões. Entre essas razões estão o desconhecimento da importância de trabalhar aspectos do desenvolvimento socioemocional para facilitar o processo de aprendizagem acadêmica e assim diminuir comportamentos inadequados dos alunos e crenças a respeito do aluno, como não ter mais o que fazer com ele.

Como docentes também precisamos buscar informações emocionais dos nossos alunos, principalmente se forem crianças, pois eles apenas reagem e imitam seus pais ou responsáveis. Se não sabemos o que acontece em seus lares, por exemplo, também não saberemos como lidar com um comportamento agressivo que ele venha a ter. Com crianças podemos ter esse conhecimento através das rodas de conversas, um instrumento pedagógico muito rico para obtermos esses tipos de informações, desenhos ou a simples observação do seu brincar com os colegas.

A análise das demandas inerentes ao processo de ensino-aprendizagem permite-nos listar as principais HSE, que são: seguir regras ou instruções orais, observar, prestar atenção, ignorar interrupções dos colegas, imitar comportamentos socialmente competentes, aguardar a vez para falar, fazer e responder perguntas, oferecer, solicitar e agradecer ajuda, buscar aprovação por desempenho realizado, reconhecer e elogiar a qualidade do desempenho do outro, agradecer elogio ou aprovação, cooperar, atender pedidos e participar de discussões em classe. Percebemos nesta lista o quanto as relações interpessoais permeiam o ambiente escolar (criança - cuidadora, criança - criança).

No THS utilizam-se vivências, cujo termo vem do latim *viventia*. É um verbete já dicionarizado e significa “o fato de ter vida”, “experiência de vida”, “o que se viveu”, “modos de vida”. Assim, Del Prette e Del Prette (2011) define vivência como uma atividade, estruturada analogamente às situações de interação social do cotidiano. Tal estruturação permite a mobilização de sentimentos, pensamentos e ações que tendem a corrigir os déficits e maximizar a aparição das HS no THS.

### 2.3 A Educação Infantil

Atualmente existem documentos legais que amparam a educação infantil em todos os aspectos, um deles é o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), que se referem às creches (CREIs), entidades equivalentes e pré-escolas. Esse documento pretende apontar metas de qualidade que contribuam para que as crianças tenham um desenvolvimento integral de suas identidades. Também foi concebido de maneira a servir como um guia de reflexão de cunho educacional sobre objetivos, conteúdos e orientações didáticas para os profissionais que atuam diretamente com crianças de zero a seis anos, respeitando seus estilos pedagógicos e a diversidade cultural brasileira.

Infelizmente, as escolas que lidam com crianças dessa idade até sabem que esse documento existe, porém não o utilizam para nortear sua prática pedagógica, e esse processo começa em quem coordena a escola, se não for alguém que se preocupe de fato em formar um cidadão conhecedor de seus direitos e deveres, devemos nos preparar para assistir aos destroços que é uma creche. Claro que a parte física é brilhante, tem espaço para a recreação, um refeitório onde todos ficam sentados, salas amplas, uma biblioteca, uma sala de vídeo, banheiros adaptados para o público alvo, dentre outras coisas, no entanto, em sua grande maioria não temos profissionais qualificados.

O objetivo da educação infantil proposto no documento é que o indivíduo possa experimentar e utilizar os recursos de que dispõem para a satisfação de suas necessidades essenciais, expressando seus desejos, sentimentos, vontades e desagrados, e agindo com progressiva autonomia. Outro ponto destacado para essa modalidade é que as crianças sejam capazes de identificar e enfrentar situações de conflitos, utilizando seus recursos pessoais, respeitando as outras crianças e adultos e exigindo reciprocidade. Também nessa fase o brincar é muito importante, pois desenvolve no indivíduo a capacidade de interagir com o outro.

O cuidar da criança em espaço formal, contemplando a alimentação, a limpeza e o lazer (brincar), também é papel da educação infantil, pois também inclui um fazer pedagógico. Não cabe à educação infantil alfabetizar a criança, pois nessa fase ela não tem maturidade neural para isso, salvo os casos em que a alfabetização é espontânea. O foco é desenvolver e estimular na criança a curiosidade, a imaginação e a percepção de si e do outro.

Cabe ressaltar também que, a formação do sujeito-criança e sua compreensão e relação com as diferentes áreas do conhecimento ficará sob a responsabilidade de uma proposta pedagógica que alie uma concepção de criança, como sujeito de direitos, cidadã, a qual é um ser que pensa, age, reflete e está situado em uma cultura. Como também está sobre responsabilidade do educador, que fará a mediação, com a criança do que se tenha planejado.

## **2.4 O Professor na Educação Infantil**

Nessa modalidade da educação, lidamos com indivíduos que ainda não têm uma maturidade na linguagem, no pensamento e nas emoções, portanto, o professor desse tipo de sala de aula deve buscar conhecimentos sobre o que é ser uma criança de três anos, por exemplo. O perfil deste profissional precisa estar fundamentado basicamente em três pilares: ele deverá ser sensível, compreensivo e ter conhecimento sobre sua área de atuação, pois só assim estará apto para lidar com situações que exijam paciência, compreensão e técnica.

Um aspecto relevante a ser analisado por nós é sobre a formação inicial desse professor, como diz a sabedoria popular “só ensina quem sabe”, e aí os nossos olhos se abrem para a seguinte questão: como está o currículo do curso de Pedagogia? Falo nos pedagogos porque são eles que deveriam estar sendo preparados para a tarefa de lidar com os alunos da fase inicial. Devemos, porém, lembrar que, ao abordarmos a temática da formação de professores de Educação Infantil, é preciso ressaltar que até muito recentemente inexistia em nível nacional uma política que regulamentasse a formação de profissionais para trabalhar com crianças de 0 a 6 anos.

Na década de 90, debates, pesquisas e ações buscaram a melhoria do atendimento em creches e pré-escolas. Nessa direção, em 1993 a Coordenação de Educação Infantil (COEDI) do MEC apresentou um documento cujo conteúdo era uma síntese das discussões realizadas na área por educadores e pesquisadores, propondo uma Política para a Educação Infantil. O documento assumiu a concepção da Constituição de 1988 e lançou as novas diretrizes para a área, entre elas uma que afirma a necessidade de construir a profissionalização dos trabalhadores de Educação Infantil, recomendando que o adulto que atua na creche e na pré-escola deve ser reconhecido como profissional e a ele devem ser garantidas condições de trabalho, plano de carreira, salário e formação continuada condizentes com o papel que exerce.

Em relação ao nível de formação, a Proposta indicou que “*Os profissionais de educação infantil devem ser formados em cursos de nível médio ou superior que contemplem conteúdos específicos relativos a essa etapa da educação*”. Tal orientação incorporou a compreensão, defendida por pesquisadores da área, de que a qualificação profissional é um elemento fundamental para a melhoria da qualidade do serviço oferecido em creches e pré-escolas. A referida recomendação partiu do entendimento de que uma formação mais elevada vai subsidiar o professor para melhor enfrentar o trabalho com as peculiaridades da fase infantil do desenvolvimento de uma pessoa.

Fundamentando essas novas diretrizes, portanto, está uma concepção de Educação Infantil que busca superar a dicotomia entre cuidado e educação, sustentando-se em uma compreensão de desenvolvimento integral da criança de 0 a 6 anos. “É a questão que muitas vezes pode ser chamada de saber-fazer e saber-ser” (TARDIF, 2002, p.255).

## **2.5 A Relação Entre o Déficit de Habilidades Sociais Docentes e o Desempenho Acadêmico da Criança**

De acordo com Del Prette e Del Prette (2002), o déficit no repertório das habilidades sociais não apenas ocorre pela ausência de um comportamento específico, mas também quando um comportamento verbal ou não verbal emitido em direção a um determinado objetivo não atinge certos índices de competência. Nesse sentido, podemos dizer que a deficiência no repertório de habilidades sociais docentes interfere diretamente no desempenho acadêmico do aluno. E mais ainda, quando falamos de indivíduos em nível de desenvolvimento primário.

Em sua maioria, os professores desejam ser justos com as crianças, tratá-las com respeito e carinho e ajudá-las a serem felizes. Apesar das tentativas, sentem-se muitas vezes frustrados, pois há uma distância entre esse desejo e o domínio dos processos para atingir esses objetivos. Então, pensemos como esses professores lidam com essas frustrações. Como fica sua autoestima? Para ajudar as crianças a lidarem com as emoções, eles, os educadores, além de serem bem resolvidos sócioemocionalmente, precisam também rever os procedimentos que vêm utilizando, compreendendo as expressões emocionais como oportunidade de troca de intimidade e confidências.

Pois falar sobre os sentimentos e nomear as emoções são habilidades importantes que ajudam a criança a transformar uma sensação assustadora e incômoda em algo definível e

natural (GARCIA-SERPA, MEYER, DEL PRETTE, 2003). Além disso, ao falar sobre seus sentimentos em determinada situação, a criança fornece pistas sobre seu comportamento e as condições em que ele ocorreu, além de sinalizar quanto a prováveis condições relacionadas ao seu comportamento atual e futuro.

Os educadores, portanto, precisam apropriar-se de conhecimentos para seguir passos específicos, ajudando assim as crianças a lidarem com suas emoções de maneira saudável. Dessa forma, podemos comentar alguns desses passos: primeiro o educador identifica a emoção, depois, ele conversa com a criança, dispondo-se a ouvi-la (mais do que falar), evitando censuras para que ela se sinta à vontade em suas confidências. Uma terceira atitude é a validação do sentimento da criança feito pelo professor, mesmo que para ele pareça exagerado ou impertinente. No quarto passo ajudamos a criança a reconhecer suas emoções para que ela própria vá fazendo suas descobertas sobre o que está experimentando, não classificando para ela seus sentimentos. No quinto passo, o educador revisita o assunto, procurando um momento propício para novamente conversar com a criança verificando se tal sentimento já foi superado ou ainda persiste. No último passo, o docente deve promover atividades facilitadoras, incentivando a participação das crianças em brincadeiras que exijam expressão emocional, por exemplo, o teatro e a dança (DEL PRETTE e DEL PRETTE, 2005, p.119).

Com um educador ciente do que está fazendo, o desempenho acadêmico da criança pode atingir alvos muitas vezes inesperados. Pois uma quantidade considerável de estudos vem evidenciando a relação entre os déficits de habilidades sociais educativas e o desempenho acadêmico da criança (CORRÊA, 2008). Um dos fatores colocados em pauta é a falta de conhecimento por parte dos educadores no que diz respeito a estratégias didáticas para chamar a atenção das crianças, principalmente, quando se trata de creches, pois, esses professores, trabalham em tempo integral, o que lhes proporciona uma carga emocional cheia de conflitos internos e externos.

É claro que os produtos desejáveis da educação escolar não se restringem à assimilação de conteúdos e competências acadêmicas, mas incluem valores e habilidades de convivência e comunicação, que não são adquiridos meramente por instrução.

Então podemos constatar como essa relação entre HSE e desempenho acadêmico é complexa e cheia de nuances, as quais o professor necessita conhecer, a fim de estar bem preparado para enfrentar os obstáculos diários. Também esse conhecimento que precisa ser adquirido por esses profissionais desfaz o erro de muitos, em achar que entrar na sala de aula é fácil e não exige habilidades, sobretudo, em se tratando da educação infantil. Algumas

peças desavisadas pensam que só porque é criança deve-se colocar qualquer profissional para ensinar-lhes, criando esse mito em torno da educação infantil: “é algo fácil e, assim, qualquer pessoa pode estar lá”.

Como já foi posto, professores socialmente hábeis têm uma maior facilidade de formar crianças hábeis socialmente, sendo, obviamente, o contrário também verdadeiro.

Desse modo, a pergunta pelas habilidades sociais educativas e a inferência sobre a probabilidade da necessidade de formação dessas habilidades impõem-se. Assim, a relação entre as HSE e o desempenho acadêmico dá-se justamente nesse processo de usar as HSE para alcançar níveis mais avançados de aprendizagem dos alunos.

### **III PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

#### **3.1 Tipo de Trabalho**

Tratou-se de uma intervenção pedagógica feita no CREI Antonieta Aranha de Macêdo.

#### **3.2 Instrumentos da intervenção pedagógica**

Construímos um roteiro para uma vivência, bem como o material, que foram papel ofício cortado em tiras, uma lata de alumínio e uma caneta esferográfica.

Aplicação de vivência (cf. DEL PRETTE; DELPRETTE, 2011).

#### **3.3. Participantes da intervenção pedagógica**

Os participantes dessa intervenção foram cinco professoras do CREI Antonieta Aranha de Macedo.

#### **3.4 Apresentação da intervenção pedagógica**

No ano de 2011, como bolsista PROBEX , a autora do presente TCC integrou a equipe que realizou um trabalho de extensão durante oito meses no CREI Antonieta Aranha de Macêdo envolvendo as crianças e ensinando-lhes habilidades sociais (SANTOS, ANDRADE, MELO, PONTES, 2011). A partir daí, observou-se déficit nas habilidades das crianças e com o treinamento implementado foram perceptíveis a melhora na aprendizagem das crianças. De modo que a gestora adjunta solicitou-nos renovação do projeto e que desta vez fosse realizado com as professoras, pois o treinamento com elas poderia resultar em algo mais vantajoso e eficaz para o CREI, corrigindo o desempenho das crianças em HS e havendo através destas uma melhora no próprio desempenho acadêmico.

Para exemplificar e demonstrar a relação entre o desempenho acadêmico das e as HSE das professoras do referido CREI, descreveremos uma vivência que ocorreu no ano de 2011 com as crianças da sala de três anos, onde a autora do presente TCC esteve durante esses oito meses, o qual treinou nas crianças a habilidade de Solucionar Problemas Interpessoais que segundo Del Prette e Del Prette é “um processo metacognitivo com dupla função de levar a



pessoa a: conhecer seus próprios comportamentos, pensamentos e sentimentos; e alterar seu comportamento subsequente com base nesse conhecimento” (2005, p.199).

Nessa habilidade as crianças precisavam solucionar problemas do tipo: com quem vai brincar; como introduzir-se no grupo; dentre outros. Inicialmente a mediadora da vivência, (que era a autora do presente TCC), apresentou para as crianças figuras com cenas demonstrando conflitos, por exemplo, um bebê chorando, o que fazer? Um pai batendo no menino, como agir? Um homem brigando com o menino, o que fazer? Um menino tomando da mão do colega um brinquedo, o que fazer? Cada situação problema que ia sendo mostrada para as crianças perguntava-se a elas: Como resolver essa situação?

Continuando a descrição da vivência, as crianças respondiam as perguntas feitas pela mediadora insinuando, por vezes que já tinham passado pelo mesmo conflito, portanto as respostas foram: “Tia, é muito feio bater no colega”, “Eu não gosto que minha mãe me bata”, “Tia Cida, toma o brinquedo da minha mão!” (SANTOS, ANDRADE, MELO, PONTES, 2011).

Observamos assim, com essas afirmativas das crianças, que as professoras do CREI Antonieta Aranha de Macêdo, não tinham as habilidades necessárias ao seu labor para enfrentar uma sala de aula da educação infantil. Digo isso, pois em uma das respostas dadas por uma das crianças, ela diz que a própria docente toma os objetos de sua mão, ao invés de pedir. E como já foi dito, alunos nesse nível de desenvolvimento apenas imitam o que o adulto faz, se o professor pode arrebatar um objeto da mão do colega ele também pode.

Outro detalhe foi o fato das crianças se sentirem a vontade com a mediadora, no tocante a falarem de suas experiências vivenciadas dentro dos seus lares, dado importante para o professor entender o comportamento muitas vezes agressivo das mesmas.

Constatamos também que pouco acontece dentro da sala de aula de três anos oportunidades de brincadeiras em grupo, o que dificulta a interação com o outro. Não que as crianças se recusem a brincar com o colega, todavia o receio da professora é maior, pois diz que com essa atividade perde o controle da sala de aula (SANTOS, ANDRADE, MELO, PONTES, 2011). Com essa vivência identificamos e podemos dizer como a falta de HSE da professora pode estar ligada ao desempenho acadêmico do aluno, pois quando me sinto feliz, no tocante a perceber que ali é um lugar seguro onde posso expor minhas idéias sem necessariamente ser punido, tenho uma maior predisposição para aprender outros conteúdos.

Assim, em 2012, desta feita como integrante do PROLICEN, a autora do TCC em tela desenvolveu vivências com as professoras dos alunos treinados no ano anterior (SANTOS, ANDRADE, MELO, PONTES, 2012), com o intuito de, neste mesmo CREI e com o mesmo

tema, desenvolver o TCC ora apresentado, planejou-se e executou-se a Sequência Didática abaixo:

### Seqüência Didática: enfoque Habilidades Sociais Educativas

#### *Objetivos:*

- Questionar a prática educativa;
- Identificar habilidades sociais voltadas para a docência;
- Implementar tais habilidades.

*Vivência:* “Tribunal de Habilidades Sociais Educativas”.

*Materiais:* Tiras de papel ofício contendo em cada uma delas uma habilidade do conjunto das HSE.

#### *Roteiro:*

- 1) Apresentação e contextualização do tema da Sequência Didática;
- 2) Realização da vivência “Tribunal de Habilidades Sociais Educativas”.

*Descrição da Sequência Didática (e identificação do repertório em HSE das professoras):*

O ambiente aparentava estar calmo e as cadeiras foram organizadas no pátio para o início da Seqüência Didática. As professoras foram se achegando ao círculo de cadeiras montado pela equipe no pátio do CREI.

Após a exposição sobre a teoria das Habilidades Sociais Educativas feita pela autora deste TCC, cada professora presente recebeu tiras de papel contendo habilidades favoráveis para a docência sobre as quais elas deviam falar, a partir de suas impressões sobre o assunto e fazer uma auto análise de sua aplicabilidade em sala de aula.

Foi explicado que dentro das Habilidades Sociais existem classes das quais uma delas corresponde às Habilidades Sociais Educativas (HSE), que englobavam habilidades específicas para os professores. Assim como os médicos precisam de certas habilidades específicas para fazer uma cirurgia de coração, por exemplo, os docentes precisam das HSE para um bom domínio em sala de aula.

Participaram da vivência planejada, cinco professoras. Cada uma delas recebeu duas tiras de papel que continham as HSE, sobre as quais deveriam comentar sobre o conceito da habilidade proposta e como seria para elas a aplicabilidade em sala de aula. As Habilidades Educativas propostas para a análise foram: Elogiar (El), Monitorar Positivamente (MP), Autoavaliação (AA), Estabelecer Regras (ER), Organizar o Ambiente Físico (OAF), Fazer Perguntas (FP) e Fornecer *Feedback* (positivo e negativo) (FF).

Seguindo a vivência, a primeira voz foi ecoada. A habilidade recebida pela professora foi a de Elogiar (El). Ela comentou como era importante elogiar, porém não tinha o costume de perceber o ponto de elogiar as crianças. “A correria era muito grande, tinha que fazer tantas coisas que não dava tempo de prestar atenção nisso”, disse a primeira participante. A outra habilidade que essa professora comentou foi a de Monitorar Positivamente (MP), ela nos disse ser atenta a quando uma criança não se comporta da maneira esperada, então, ela proporciona uma atividade para a criança de maneira que a conduza para o objetivo que quer alcançar. Essa habilidade está ligada também à motivação do aluno em continuar se esforçando para aprender.

A segunda docente a se pronunciar comentou sobre a habilidade de Estabelecer Regras (ER). Contou-nos que essa atitude de estabelecer regras era muito difícil, pois os alunos eram “danados” e ela não conseguia “dominar” a sala. Porém, reconhecia que precisava começar aos poucos a colocar na sua rotina essa habilidade. Foi sugerido, então, que ela fizesse um cartaz com todas as regras de convivência que achasse conveniente e logo após proporcionasse essa interação com as crianças, pois, quando maus comportamentos passam despercebidos, a chance de que voltem a acontecer aumenta. Ao passo que quando são corrigidos tendem a desaparecer.

A seguir, outra professora comentou a habilidade de Organizar o Ambiente Físico (OAF). Embora não seja dada a importância devida a essa habilidade, ela é um elemento fundamental em sala de aula, pois entrar em um ambiente organizado, limpo e preparado didaticamente para a criança, sobretudo para o que ela vai fazer, dá uma sensação de que todos estavam esperando a sua chegada e produz um comportamento mais eficiente (DEL PRETTE E DEL PRETTE, 2005).

A professora seguinte ficou com a habilidade de Autoavaliação (AA). Ela não conhecia o conceito dessa habilidade, que imediatamente lhe foi explicada pela autora deste TCC. Logo após, para uma maior compreensão, sugerimos a ela que fizesse uma Autoavaliação (AA) naquele momento, uma vez que já tinha se apropriado do conceito. Ela o fez prontamente, dizendo em tom jocoso que achava ser uma pessoa maravilhosa, mas que às vezes tinha dificuldade em ver qualidades nas pessoas.

Outra professora ficou com a habilidade de Fazer Perguntas (FP). Esta participante deu exemplos de como fazia uso desta habilidade com as crianças. No caso da primeira habilidade, ela disse que estimulava as crianças a fazerem perguntas contando histórias e distribuindo estrelinhas para quem fizesse mais perguntas relacionadas ao conteúdo do dia. Segundo ela, as crianças adoravam a brincadeira e o método funcionava. Elogiou-se o método dessa professora e explicou-se o quanto o comportamento de contar história pode estimular a criatividade e a oralidade da criança, além de fornecer dados essenciais sobre a sua percepção em determinados assuntos.

Para a habilidade de Estabelecer Regras (ER), a professora responsável disse que junto com as crianças criou regras para melhorar a convivência e grudou placas que lembrassem o que foi decidido. Quando acontecia de alguém quebrar uma das regras as próprias crianças cobravam e diziam: “Tia, ele(a) quebrou a regra”. Foi elogiada a habilidade de Estabelecer Regras (ER) da professora, explicando que porque ela tinha esta habilidade desenvolvida, as crianças aprenderam com ela, de modo vicário.

Por último, ficou a professora com a habilidade de Fornecer *Feedback* (FF), sendo ele positivo ou negativo. Quando foi explicada a habilidade citada ressaltou-se o quanto importante é para o indivíduo saber que é percebido como pessoa atuante no processo da vida. A professora em questão disse que era fácil dar esse *feedback* negativo, porém o positivo não. Parecia ter uma tendência a enxergar mais os defeitos do que as qualidades, ou seja, o que não se faz ou o que se faz de inadequado do que o que se faz de apropriado.

Após todas as professoras comentarem as HSE recebidas, a Sequência Didática foi encerrada. O grupo se despediu e a coordenadora da vivência (a autora do TCC em tela) agradeceu a participação de todas.

### **3.5 Análise dos resultados (ou do repertório em HSE apresentado pelas professoras)**

Em síntese, o procedimento de análise dos resultados permitiu-nos identificar um repertório de Habilidades Sociais Educativas com lacunas no CREI Antonieta Aranha de Macêdo. Destaca-se a forte impressão de que as professoras não têm noção bem elaborada sobre o seu papel educacional diante da sociedade. Verificaram-se essas lacunas, devido às respostas apresentadas pelas professoras: respostas curtas, sem muito conteúdo e revelando muito mais aspectos de uma prática cristalizada sem o uso de referencial teórico.

No caso da professora que disse não saber fazer Autoavaliação (AA), há de se pensar nas graves implicações da ausência dessa habilidade, não apenas para a profissional em si, mas para aqueles, sobretudo, as crianças que estão ao seu entorno, sendo inclusive, atingidas de modo direto ou indireto por essa ausência ou déficit da imprescindível habilidade de Autoavaliação (AA).

Como já foi dito, as Habilidades Sociais são comportamentos e, por isso, podem ser aprendidas. Por esse motivo deixamos as marcas no CREI Antonieta Aranha de Macêdo, incentivando as docentes a treinar em si e com as crianças as HSE, uma vez que elas tiveram a oportunidade de conhecer algumas dessas habilidades. Assim, terão resultados inesperados nos seus comportamentos, pois a maioria deles inclui as emoções. Uma criança não pode aprender se estiver, por exemplo, sendo abusada sexualmente pelo seu pai, ou sendo violentada verbalmente com frases do tipo: “Você não aprende nada mesmo”.

Por isso é possível, portanto, planejar melhor esse tipo de aprendizagem, proporcionando às crianças formas adequadas de lidar com suas emoções. E isso as professoras que possuem um repertório em HSE desejável sabem ensinar bem, no sentido de não apenas dominarem o conteúdo conceitual, mas através do manejo das interações efetiva aprendizagens significativas no âmbito dos conteúdos procedimentais e atitudinais, repercutindo em espaços interacionais mais pacíficos e éticos.

Se, em 2011, observou-se o desempenho acadêmico das crianças e efetivou-se treinamento em HS com elas, constatando sua aquisição de comportamentos e melhoria do repertório comportamental já existente, em 2012 foi possível fechar o círculo atingindo as professoras com o THS e, podendo assim, afirmar que a relação entre HSE e desempenho acadêmico de alunos no CREI Antonieta de Aranha Macêdo é coerente ao que expõem os fundamentos teóricos das Habilidades Sociais.

Em outras palavras, as crianças refletem as ações socialmente hábeis (ou não) de suas professoras e através dessa interação aprendem mais eficazmente ou não os conteúdos também conceituais. Os déficits em HSE observados na Sequência Didática realizada com as professoras relacionam-se aos déficits do repertório comportamental das crianças.

Assim, se estas crianças quando foram treinadas em 2011 conseguiram aprender e melhorar pontualmente seu repertório, infere-se que as professoras, obtendo treinamento similar, mas no seu nível, possam, por sua vez, reverberar em sua prática a permanência da exibição de tais comportamentos. O uso de vivências na Sequência Didática garante uma aprendizagem efetiva durante o processo de Treinamento, uma vez que aciona os processos cognitivos e emocionais a um só tempo.

#### **IV CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste Trabalho de Conclusão de Curso, optou-se por estudar as Habilidades Sociais e, de modo mais específico, a classe das Habilidades Sociais Educativas, a saber, aquelas intencionalmente implementadas para garantir aprendizagem do interlocutor, seja numa situação educativa formal ou informal. Com esta temática, efetuou-se uma intervenção pedagógica com cinco professoras do CREI Antonieta Aranha de Macêdo. Foram realizadas onze Sequências Didáticas dentro do projeto em que a autora do presente trabalho participava como integrante da equipe. Para este TCC, ela selecionou uma das Sequência Didáticas, tendo como critério o fato de ter sido elaborada e executada por ela.

O objetivo geral de descrever a relação entre as Habilidades Sociais Educativas e o desempenho acadêmico das crianças do CREI Antonieta Aranha de Macêdo foi alcançado através da consecução dos objetivos específicos, já citados, como ministrar uma Sequência Didática utilizando o método de vivência envolvendo as Habilidades Sociais Educativas com professoras do CREI Antonieta Aranha de Macêdo; identificar o repertório de Habilidades Sociais Educativas das professoras do CREI e finalmente, analisar o repertório de Habilidades Sociais Educativas apresentado pelas professoras do referido CREI. O alcance desses objetivos juntou-se à observação dos resultados constatados no THS com as crianças em 2011, possibilitando deste modo a correlação entre HSE das professoras e desempenho acadêmico de seus alunos, conforme postulado em nosso objetivo geral.

Na literatura nacional são praticamente inexistentes os relatos de intervenções especificamente voltadas para as habilidades interpessoais do professor. Aliás, pode-se verificar esse fato no curso de formação de pedagogos. Nós não temos componente curricular algum com foco em relações interpessoais, neste aspecto. Somos instigados apenas a criticar a situação da educação brasileira e a introduzir um discurso sem conteúdo dizendo “que a prática não condiz com a teoria”, o qual se sabe, pois, que não existe teoria sem prática e vice versa, existe sim, uma teoria desvinculada da prática.

Por isso, os nossos anseios são que através dessa gota no meio do oceano, possamos trazer, mesmo que muito discretamente, benefícios para a educação.

## V REFERÊNCIAS

- CABALLO, V. E. **Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais**. São Paulo: Ed. Santos, 2006.
- CORRÊA, C. I. M. **Habilidades Sociais e Educação: Programa de Intervenção para Professores de uma Escola Pública**. Tese de Doutorado apresentada a Universidade Estadual Paulista, UNESP: Marília, 2008.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Psicologia das habilidades sociais na infância: teoria e prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. **Psicologia das Relações Interpessoais: vivências para o trabalho em grupo**. 9ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- GARCIA-SERPA, F. A., DEL PRETTE, Z. A. P. & DEL PRETTE, A. Meninos pré-escolares empáticos e não empáticos: Empatia e procedimentos educativos dos pais. **Revista Interamericana de Psicologia**, 2006 40(1), 73-84.
- Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- SALA, E. M.; GOÑI, J. O. **Psicologia do Ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- SANTOS, C. S. G.; ANDRADE, F. C. B.; MELO, L. C. A.; PONTES, D. B. D. **Habilidades Sociais em CREIs: formando educadoras para ensinar a conviver: porque conviver também se aprende**. Relatório apresentado ao PROBEX: UFPB, 2011.
- SANTOS, C. S. G.; ANDRADE, F. C. B.; ELO, L. C. A.; PONTES, D. B. D. **Treino em Habilidades Sociais no CREI Antonieta Aranha de Macêdo: porque conviver também se aprende**. Relatório apresentado ao PROLICEN: UFPB, 2012.
- SANTOS, C. S. G. Psicologia da Educação e literatura: a perspectiva sociocultural como *link*. In C. S. G. Santos e L. G. Gonçalves. **Educação: links filosóficos e psicológicos**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.
- TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- VALLS, E. **Os procedimentos educacionais: aprendizagem, ensino e avaliação**. Trad.: Juan Acuña. Porto Alegre: Artes Médicas.
- ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Trad.: Ernani F. da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.